

## É O PORTUGUÊS UMA LÍNGUA EM “A”?

Rogério CHOCIAY\*

---

*RESUMO: O presente artigo focaliza uma afirmação de Medeiros e Albuquerque, para quem o português é uma língua em “A”, e discute a procedência e as conseqüências desse fato.*

*UNITERMOS: Língua portuguesa; estilística fônica; poética; Romantismo; rima.*

---

O poder expressivo ou sugestivo da massa sonora do discurso, particularmente do discurso poético, constitui assunto que vem sendo focalizado há muito tempo pelos estudiosos da linguagem e da literatura. Durante o Simbolismo, período literário em que os recursos musicais e sugestivos dos fonemas foram por vezes levados às últimas conseqüências, teve grande voga a discussão sobre a possibilidade de a percepção de alguns fonemas, particularmente as vogais, estar associada, por sinestesia, à percepção de cores. Tal assunto é, evidentemente, interdisciplinar, já que interessa não apenas à Poética, mas também à Estilística e à Psicologia. Talvez por isso mesmo represente terreno de difícil trânsito e de poucas certezas.

### O PROBLEMA DA LÍNGUA EM “A”

No caso da Língua Portuguesa, é preciso mencionar que já Antônio Feliciano de Castilho, em seu *Tratado de Metrificação* (2, I, 95-130), sustenta que as vogais do idioma apresentam inúmeras virtualidades expressivas, algumas inclusive de caráter sinestético. Tal assertiva se localiza, obviamente, no campo da Poética, embora a convicção com que o literato português se exprime pareça revelar que ele não pense em termos exclusivamente literários.

Em nosso país, o problema saiu dos limites da Poética quando o acadêmico Medeiros e Albuquerque, em 1911, influenciado por teses oriundas do período simbolista, tentou definir o “U” português como uma “vogal preta” (5, VI), isto é, uma vogal que, na percepção habitual do falante de Língua Portuguesa, estaria associada

---

\* Departamento de Letras Vernáculas – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP – 15055 – São José do Rio Preto – SP.

à percepção da cor preta. A base para tal argumentação foi buscada no conjunto de palavras do idioma em que “U” predomina (ou é a vogal tônica) e referem noções relacionadas com a cor preta (*escuro, luto, urubu* etc.). Apesar de certa ressonância dessa tese na época, logo verificou-se que não podia ser levada a sério. Virgílio de Lemos, em 1924, publicou um pequeno ensaio, *A Fantasia da Vogal Preta*, em que destruiu uma a uma as razões aventadas por Medeiros e Albuquerque, e provou que a “escuridão do ‘U’” em nosso idioma constitui impressão subjetiva de um ou outro eventual falante, mas jamais um fato de caráter geral e necessário (5, 89-146).

Medeiros e Albuquerque foi, todavia, autor de outra tese no mesmo campo: a de que a Língua Portuguesa é uma língua em A, ou seja, em que a vogal A é largamente predominante\*, tendo, assim, o padrão de sonoridade regido por esse predomínio (6, 369). Esta tese, de fato, não tem o caráter imediatamente absurdo da anterior, merecendo pelo menos um exame atento.

Medeiros fez tal referência depois de ter observado no *Diccionario de Rimas*, de Eugênio de Castilho, que as palavras rimantes com temas em A (v.g., *-ado, -asta*, etc.) ocupavam 116 páginas, enquanto as com temas em outras vogais não alcançavam sequer a metade desse número. A experiência sumária do estudioso pode ser refeita em qualquer dicionário análogo, como, por exemplo, o de Almerindo de Castro (3), o mais recente que possuímos, publicado pela primeira vez em 1944. E os resultados serão até mais animadores: verifica-se, de fato, que a maioria maciça das palavras rimantes da Língua Portuguesa apresenta tema em A, mesmo descontando-se temas como *-ando, -ante* etc., que provavelmente Medeiros incluía em sua contagem por não considerar relevante a distinção de nasalidade. Sem levar em conta boa parte das verbais conjugadas (que os dicionários de rimas nunca indicam), verifica-se, realmente, que Medeiros e Albuquerque partiu de um dado objetivo: a disponibilidade, no *rimário* da Língua Portuguesa, muitíssimo maior de temas em A, ou seja, de vocábulos cuja sílaba tônica é a vogal mencionada. Acresça-se, para reforço dessa observação, que o *rimário*, como comprovamos alhures (4, 16), não é muito inferior, em número de elementos, ao número de unidades do léxico do idioma, se considerarmos a possibilidade de rima toante e soante.

#### UMA RETOMADA DA TESE

Ignoramos outras discussões a respeito da asserção de Medeiros e Albuquerque, a não ser um ensaio de Josué Montello publicado em 1959 (6, 369-98). Montello, igualmente acadêmico, faz uma averiguação em textos de poetas brasileiros e portugueses de diferentes épocas, e chega a dar razão a Medeiros:

---

\* Como não estamos fazendo um estudo rigoroso de Fonologia, não vemos necessidade de utilizar alfabeto fonético. A indicação será feita segundo as fontes citadas.

“Parece ocorrer, na verdade, no vocabulário português, certa preferência pela sonoridade do A – e isto amplamente se confirma ao longo dos mais velhos pergaminhos literários e ainda na obra de poetas representativos de vários séculos, nas duas literaturas de língua portuguesa. Por vezes é tão grande a sua freqüência que daí resulta uma impressão superficial de monotonia: a opulência como que se converte em pobreza.” (6, 369)

Seria então o português uma língua em A? Montello cita autores em que se verificou a hipótese: os trovadores, Camões, Bernardim Ribeiro, Garcia de Rezende, Gil Vicente, Sá de Miranda, Jerônimo Bahia, Garrett, Herculano, João de Lemos, Soares de Passos, Castro Alves, João de Deus, Gonçalves Dias, Tomás Ribeiro. E justifica:

“É certo que se poderá argumentar, com o testemunho de milhares de versos, que não somente as palavras com a predominância tônica da primeira vogal participam dos mais belos ritmos da poesia de língua portuguesa. Lembremos, no entanto, que o propósito destes reparos é unicamente sugerir a observação da prevalência do A na sensibilidade musical dos grandes poetas das duas literaturas, num desdobramento tradicional que jamais se interrompeu.” (6, 375)

A tese de Medeiros e Albuquerque, portanto, é modificada e redimensionada por Montello: “a prevalência do A na sensibilidade musical dos grandes poetas das duas literaturas, num desdobramento tradicional que jamais se interrompeu”. Trata-se de uma tese de Estilística literária bastante ousada, já que se abre um desfiladeiro de dificuldades para comprová-la ou refutá-la de modo cabal. Montello, sem preocupar-se com isso, arrola mais e mais exemplos de prevalência: Eugênio de Castro, Guerra Junqueiro, Cruz e Sousa, Teófilo Braga.

Satisfeito em apontar que o A é prevalente em tais poetas devido a uma escolha pessoal destes, o autor acrescenta que é o I a vogal que, embora em menor freqüência, alterna com o A na musicalidade tradicional da poesia portuguesa e da brasileira. E procura demonstrar como os poetas, quer para efeito de rima, quer para arranjos de sonoridades no interior dos versos, souberam tirar partido dessa alternância, como, por exemplo, Olavo Bilac:

“Tfbios flautins finfssimos gritavam”;

ou Raimundo Correia:

“A toalha frifssima dos lagos.”

Chega, enfim, a sugerir que o fenômeno da prevalência do A não seja privativo da Língua Portuguesa, mas um patrimônio comum que esta teria com a Língua Espanhola; e não apenas na poesia, mas também na prosa.

## O “A” NO VOCABULÁRIO DA RIMA

Podemos aproximar das idéias acima discutidas nossa própria experiência de pesquisa sobre o vocabulário da rima no Romantismo brasileiro. Nos últimos dez anos

vimos estudando com rigor e atenção aspectos da Língua Portuguesa relacionados com a técnica versificatória e a estilística fônica dos poetas românticos brasileiros. Tivemos oportunidade, assim, de fazer um pequeno teste da tese de Medeiros e de Montello, nas frequências dos temas rítmicos nos nove principais poetas românticos brasileiros, cujas obras completas estudamos. Entre outras utilidades, o levantamento do *rimário* (conjunto das palavras efetivamente postas em rima pelos poetas) e dos *temas rítmicos* (seqüências terminais das palavras rimantes, contadas em princípio a partir da vogal tônica) permitiu-nos examinar o que poderia ser a preferência individual e o que resultaria de características de grupo no Romantismo brasileiro.

Eis, a título de ilustração, uma tabela que contém os temas rítmicos encontrados, eliminados apenas os que apresentam frequência inferior a vinte ocorrências na obra completa dos nove poetas estudados:

TEMA	GD	BG	LR	AA	JF	CAB	TB	FV	CAL	TOTAL
Ão	471	211	118	93	234	114	102	418	423	2184
Ar	482	188	131	92	63	71	99	221	302	1649
Ôr	388	120	143	85	93	89	124	143	268	1453
Ia	321	173	84	299	44	90	30	155	213	1409
Ado	134	176	95	55	53	47	62	76	139	1137
Ento	175	126	43	89	28	52	55	66	132	766
Ôres	124	147	26	94	43	107	44	102	75	762
Ura	186	126	66	117	22	37	42	79	85	760
Im	114	30	34	50	107	50	43	46	62	536
Êr	173	43	54	51	51	23	37	25	60	517
Êus	77	41	28	47	70	30	44	31	84	452
Ido	86	57	24	34	21	30	20	38	46	356

\* A exigüidade de espaço nos obriga a indicar os nomes dos poetas por meio de siglas: GD, Gonçalves Dias; BG, Bernardo Guimarães; LR, Laurindo Rabelo; AA, Álvares de Azevedo; JF, Junqueira Freire; CAB, Casimiro de Abreu; TB, Tobias Barreto; FV, Fagundes Varela; CAL, Castro Alves. Esta ordem corresponde à escala ascendente do ano de nascimento.

Dos temas mais freqüentes, como se observa, apenas doze são empregados por todos os poetas. Estes doze configuram a sonoridade da rima romântica por excelência, sendo interessante apontar que as rimas em *Ão* ocupam o maior índice de frequência absoluta, vindo em seguida as rimas em *Ar*, *Ôr*, *Ia* e *Ado*. Ocorreria o mesmo em outros períodos?

Outra verificação que pode ser feita é a comparação entre o tipo e a qualidade dos temas rítmicos dos românticos, e os dicionários de rimas da época, com o objetivo de descobrir a relação entre o emprego efetivo e a disponibilidade do rimário. Numa apreciação preliminar, podemos dizer que os poetas não chegam a aproveitar dez por cento das possibilidades do rimário, mas somente um estudo detalhado e metucioso poderá conferir números exatos a esta estimativa.

Por outro lado, na perspectiva aberta pelo trabalho de Josué Montello, servimo-nos dos dados do rimário romântico para verificar também a hipótese da língua em A. Lembremos que o levantamento de Medeiros e Albuquerque foi justamente sobre um dicionário de rimas. Mas um dicionário de rimas, a bem da verdade, é um depósito, um armazém de palavras, jamais estabelecido por observação dos poemas, porém pesquisado em outros depósitos de palavras muito maiores: os dicionários da língua. Deste modo, o fato de ser ou não o português uma língua em A deve ser verificado, como começou a fazer Montello, nos textos, porque estes contêm vocábulos enquanto realidades de uso, e não como mera disponibilidade.

Para fazer a verificação no rimário romântico, precisamos corrigir em parte as posições destes dois autores, que evidenciam iludir-se com a grafia ao não distinguirem mais do que cinco vogais, quando modernamente distinguimos doze. Disto decorre que, se quisermos delinear com rigor a prevalência desta ou daquela vogal tônica nos temas rítmicos, temos de incorporar a moderna pauta vocálica de doze elementos. Caso os temas em A ainda predominem, tal resultado será ainda mais esclarecedor sobre a tese discutida.

Para simplificar nosso trabalho, estabelecemos inicialmente um quadro de frequências onde estão levantados os temas que ocorreram pelo menos vinte vezes (o equivalente a dez rimas ou pouco menos) em cada poeta, conforme se observa no quadro abaixo:

TEMAS EM	GD	BG	LR	AA	JF	CAB	TB	FV	CAL	TOTAL
A	1482	1327	370	334	268	313	344	975	1330	6743
I	999	647	209	636	113	339	226	565	855	4589
Ã	797	551	184	297	259	231	178	659	908	4064
Ê	748	568	151	410	182	143	214	284	607	3307
Ô	745	462	191	254	158	224	225	312	539	3110
Ë	434	365	113	241	52	104	164	164	401	2038
Ó	301	491	38	62	84	114	101	250	318	1759
É	342	352	27	196	158	74	104	76	343	1672
U	215	126	90	204	56	61	64	228	310	1354
Ï	209	139	34	181	107	83	93	208	297	1351
Õ		140						47	135	322
Û		27		32	25			89	45	218
Total	6272	5195	1407	2847	1462	1686	1713	3857	6088	30527

A representatividade desta amostra é garantida, em termos quantitativos, pelo fato de o número de 30.527 ocorrências ser bastante superior à metade do total de ocorrências dos vocábulos rimantes nos nove poetas estudados.

Deste quadro, em que o predomínio dos temas em *A* é evidente, passamos a outro, mais elucidativo, em que são indicadas, pela ordem, as vogais de temas rítmicos preferenciais de cada poeta:

POETAS	GD	BG	LR	AA	JF	CAB	TB	FV	CAL
1º	A	A	A	I	A	I	A	A	A
2º	I	I	I	Ê	Ã	A	I	Ã	Ã
3º	Ã	Ê	Ô	A	Ê	Ã	Ô	I	I
4º	Ê	Ã	Ã	Ã	É	Ô	Ê	Ô	Ê
5º	Ô	Ó	Ê	Ô	Ô	Ê	Ã	Ê	Ô
6º	É	Ô	É	É	I	Ó	Ê	Ó	Ê
7º	É	É	U	U	Í	Ê	É	U	É
8º	Ó	É	Ó	É	Ó	Í	Ó	Í	Ó
9º	U	Ô	Í	Í	U	É	Í	Ê	U
10º	Í	Í	É	Ó	Ê	U	U	É	Í
11º		U		Û	Û			Û	Ô
12º		Û						Ô	Û

Este quadro comprova que o *A* ocupa o lugar de maior destaque na sonoridade da rima romântica: predomina nos temas rítmicos de sete dos nove poetas pesquisados. *E*, mesmo nos dois em que não é a escolha preferencial, aparece em segunda e terceira colocação (AA e CAB). Quanto à alternância para *I*, que Montello parece sugerir em termos absolutos e sempre em segundo plano em relação ao *A*, o rimário romântico nos mostra uma surpresa: o *I* é a vogal preferencial nos temas rítmicos de dois poetas: Álvares de Azevedo (AA) e Casimiro de Abreu (CAB). Este fato deve ter alguma importância para a interpretação global do estilo individual destes dois poetas em face do estilo de época. Mais curioso é o caso de Álvares de Azevedo, pois se em Casimiro de Abreu a segunda vogal é o *A*, confirmando-se, embora às avessas, a alternância *A/I* sugerida por Montello, em Álvares de Azevedo a segunda vogal é o *Ê*, o que contraria em termos absolutos a alternância suposta. Neste poeta, o *A* aparece

em terceiro lugar. É de notar ainda que a hipótese da alternância *A/I* é confirmada em quatro poetas (GD, BG, LR, TB). Em outros três, a alternância é *A/Ã* (JF, FV, CAL), o que faz destacar algo não sugerido por Montello: a alternância do *Ã*, dado o número muito grande de ocorrência de tônicas nasais nas palavras rimantes (especialmente nas palavras terminadas em *-ão*). Os temas em *Ã*, como se percebe no último quadro, ocupam a terceira posição na ordem geral de frequência, logo abaixo dos temas em *I*, e bem acima dos temas em *Ê*. Seria este jogo de alternâncias um fato típico do Romantismo brasileiro e circunscrito apenas à rima? Ou se estenderia a todos os períodos e a qualquer tipo de discurso?

### UMA CONTRIBUIÇÃO MAIS RECENTE

A tese da língua em *A* ganha uma contribuição considerável com a pesquisa de O. Sangiorgi “Aspectos quantitativos e formais do sistema fonológico da língua portuguesa contemporânea no Brasil” (Tese de Doutorado, USP, 1972), mencionada por Maria Tereza Biderman (I, 39). Sangiorgi estabeleceu uma escala de frequência decrescente dos fonemas da Língua Portuguesa falada no Brasil. Nessa escala, de fato, parece confirmar-se a sugestão de Medeiros e Albuquerque e as observações de Montello, pois os cinco fonemas mais frequentes são os seguintes: /a/, /i/, /u/, /s/ e /r/ (estas notações são da fonte citada). A importância da escala reside no fato de que não se trata apenas dos fonemas em posições tônicas e não apenas dos fonemas no conjunto das unidades léxicas disponíveis (no léxico, portanto), mas da frequência relativa em textos tomados como amostra.

Se, por um lado, se confirma a maior frequência do *A* na língua, como queria Medeiros e Albuquerque, já a alternância *A/I* surge como uma evidência estatística e não como uma “escolha” dos grandes poetas das literaturas brasileira e portuguesa, como sugeriu Montello.

### CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS

O trabalho de O. Sangiorgi mostra-nos que o português falado no Brasil apresenta o /a/ como o fonema de maior frequência, seguido pelo /i/, e isto não deve ser diferente no português de Portugal. Consideradas as reflexões que fizemos em contraste com esta informação, é o caso de perguntar qual a importância, afinal, de ser o português uma língua em *A*? Há várias respostas a esta pergunta, cada uma delas localizada num campo de estudo diferente e condicionada pelas observações que se façam também em outros idiomas.

No domínio da Estilística, mais particularmente da Estilística Literária, o predomínio do /a/ serve como um marco de referência para a análise e interpretação do uso particular dos poetas. Casimiro de Abreu e Álvares de Azevedo, como vimos, manifestam maior frequência do /i/ do que do /a/ em temas rítmicos, contrariando os

outros sete poetas que se enquadram na freqüência habitual ou normal. Junqueira Freire, Fagundes Varela e Castro Alves apresentam como segunda vogal mais freqüente nos temas rítmicos o /ã/, e não o /i/. Ora, sabendo-se que /a/ é a mais freqüente na língua, seguida de /i/, e que /ã/ ocupa a 16ª posição na escala de freqüência decrescente do uso normal, essas preferências individuais de alguns poetas chamam a atenção e estabelecem bases para uma definição dos estilos dos poetas no que tange à sonoridade. Neste mesmo sentido, toda a escala de freqüência decrescente de 33 fonemas, apresentada por O. Sangiorgi, representa um quadro de referência para inúmeras outras observações de Estilística Fônica quanto à seleção de sonoridade no estilo de poetas e prosadores de todos os períodos de nossa literatura. Os dados que apresentamos sobre a sonoridade da rima romântica, lastreados na tese de Medeiros e Albuquerque e na contribuição de Josué Montello, são apenas uma débil amostra do grande trabalho que, nesse campo, ainda se terá de fazer.

---

CHOCIAY, R. – Is Portuguese a language in which *a* is the predominant vowel? *Alfa*, São Paulo, 33: 155-162, 1989.

*ABSTRACT: This paper focuses a statement by Medeiros e Albuquerque, for whom Portuguese is a language in which the vowel *a* predominates. The validity and the consequences of this fact for de Portuguese language are discussed.*

*KEY-WORDS: Portuguese Language; phonic stylistics; poetics; Romanticism; rhyme.*

---

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BIDERMAN, M. T. C. – *Teoria lingüística (lingüística quantitativa e computacional)*. Rio de Janeiro, LTC, 1978.
2. CASTILHO, A. F. de – *Tratado de metrificação portuguesa*. 5. ed. Lisboa, Empresa da História de Portugal, 1908. 2 vols.
3. CASTRO, A. de – *Dicionário de rimas*. Rio de Janeiro, Editora Moderna, 1944.
4. CHOCIAY, R. – *O vocabulário da rima no romantismo brasileiro*. Araraquara, 1986. (Tese de Doutorado)
5. LEMOS, V. de – *A fantasia da vogal preta*. 2. ed. Salvador, Livraria Progresso, 1958.
6. MONTELLO, J. – Uma alternância vocálica na poesia de língua portuguesa. In: *Caminho da fonte*. Rio de Janeiro, INL, 1959. p. 369-98.